

Transcrição da entrevista do focus group

Local: Jardim de Infância de Roriz, Barcelos

Entrevistadora: Natália Lourenço

Entrevistadas: 6 educadoras de infância

Hora de início: 16:15h

Hora do fim: 17:05H.

Investigador: Olá, boa tarde uma vez mais a todas. Começo antes de mais por vos agradecer a presença. Quero que se sintam à vontade para responder, interromper sempre que quiserem e darem a vossa opinião de forma livre e espontânea. No caso de não se sentirem à vontade para responder, essa posição será respeitada. O objetivo deste grupo de discussão é exatamente esse, perceber a perceção que as educadoras de infância tem do seu papel na intervenção precoce. Por isso, quanto mais vocês puderem partilhar mais rica será a informação recolhida.

Vamos então começar ...

Investigador: - *De que forma percecionam o papel do Educador de Infância na Intervenção Precoce?*

E.I. 3:- Olha... na minha opinião, o Educador tem um papel mais ou menos importante na IP ”.

Investigador: *O que quer dizer com “mais ou menos importante”?*

E.I. 3:- Acho que, pelo menos da minha parte, poderia ter uma função mais ativa no que diz respeito às crianças acompanhadas pelo sistema, e sinto que somos um bocadinho colocadas de lado.

Investigador: *Porquê?*

E.I.3:- Porque a comunicação existente entre nós e os profissionais das ELI, que acompanham as crianças, nem sempre é mais vantajosa. Elas vem um dia por semana, dão-lhe apoio e depois tem que correr para outra escola. Talvez com um bocadinho mais de tempo da parte delas e da nossa parte fosse possível, nós termos um papel mais ativo, pelo menos no que se refere à intervenção em contexto de sala. Sinto que poderíamos fazer mais por estas crianças.

E.I.2:- Posso interromper?

Investigador: Todas vocês... Sempre que quiserem.

E.I.2:- Como sabeis, eu sou educadora de infância, e trabalho na Intervenção Precoce na ELI, há 7 anos. E a minha opinião é um bocadinho diferente da colega. Concordo que de facto, os Educadores de Infância não tem assim um papel tão ativo na IP. Também lá andei mais de 20 anos. Mas não acho que a culpa seja nem das Educadoras, nem dos profissionais da ELI. Acho que é o próprio sistema que assim delimita. Os educadores são muito importantes na referenciação das crianças, são eles os que mais nos fazem chegar pedidos de avaliação. Mas depois nas fases seguintes, principalmente na intervenção a sua participação é quase nula. Mas não é por culpa deles, nem por culpa da ELI. É o sistema que está incutido. É esta a minha opinião.

E.I.6:- Bem... eu sou a que menos experiência tenho. Concordo com o que foi dito, por ambas as colegas. Mas acho que não se pode generalizar, eu trabalho numa instituição privada. E a articulação que existe entre os técnicos da ELI e os Educadores é muita boa. Contudo, concordo que o sistema limita um bocadinho o nosso campo de ação, depois da referenciação, passa tudo pelas mãos dos profissionais das ELI, estes é que ficam encarregues de fazer a intervenção com eles. E, a não ser que o educador de Infância, de sua livre e espontânea vontade, queira participar de forma ativa na intervenção e

manifeste esse interesse, é que isso acontece, porque se não fica tudo nas mãos dos profissionais das ELI. Eu faço por tentar estar presente na intervenção das minhas crianças, mas considero que o mestrado que realizei no ensino especial me veio consciencializar e despertar mais sensibilidade em mim... E depois não nos podemos esquecer que, os educadores de Infância não têm só as crianças que recebem apoio do SNIPI, têm mais de 20 outras crianças que merecem o melhor delas. Por isso, digo que não se pode generalizar ...hummm... mas estou em dizer, e em jeito de remate final, que os educadores de infância tem um papel importante na sinalização de crianças, mas que nas fases posteriores a sua ação é quase nula e que muito fica ao destino da boa qualidade dos profissionais que lidam com a criança, quer sejam educadores quer sejam profissionais das ELI.

Investigador:- *Mais alguém quer opinar? Sobre a forma como percebem o papel do Educador de Infância na Intervenção Precoce?*

E.I.I:- (risos) ... estava a ver se me escapava mas afinal lá vou ter que falar.

Investigador: *só falam se quiserem e o que quiserem... (risos)*

E.I.I:- Eu falo... estava a brincar (risos). Relativamente a este ponto, tenho uma opinião muito franca e vou dizê-la de forma frontal e desculpem-me quem pensa de outra forma. Acho que nós educadores não temos um papel assim tão importante na Intervenção Precoce, principalmente quando se trata da avaliação, diagnóstico e intervenção, nós pouco ou nada intervimos. A nossa missão é restringida à deteção...ahhhh... (pausa). Digamos, que sinalizamos os meninos e depois esperamos pela avaliação, e depois esperamos pela intervenção e depois esperamos que venham os técnicos E neste tempo todo do depois e depois... muito poderia ser feito em prol da criança! Os educadores se tiverem formação especializada em ensino especial, até são capazes de

conseguir implementar algumas atividades de forma a facultar a participação da criança.
Mas a grande maioria não tem...limita-se a fazer o seu trabalho e espera que os técnicos venham e façam o seu. Acho que o nosso papel é muito relevante na deteção mas nas outras fases, temos uma ação reduzida. Falo da minha realidade e é isso que penso francamente.

E.I.5- A colega tem razão naquilo que diz. Mas essa não é a realidade de todos. Eu acho que se o Educador de Infância for interessado que pode ter um papel crucial na Intervenção precoce. Mas também vou ser honesta, acho que estamos um bocadinho limitadas pelo sistema, porque não somos nós que no fundo “tomamos conta da criança sinalizada” mas sim as ELI . Se não tivermos o bom senso, descartamos a responsabilidade e fazemos apenas o que nos é pedido mas se tivermos vontade e bom senso podemos fazer muito, não só a sinalizar mas também a intervir. Mas julgo que não estamos assim tão mal. Agora falta a “...” eu passo a bola...(risos)

E.I.4- risos(...) chegou a minha vez, tu não perdoas (risos)

Investigador: Estejam à vontade, se não se sentirem à vontade para responder não são obrigadas...mas é bom que me digam as vossas opiniões (risos).

E.I.4- Bem....Eu não vou acrescentar muito ao que foi dito, acho que o Educador de Infância tem um papel importante na Intervenção precoce, mas que o potencial dele, do educador de infância se encontra desaproveitado.

Investigador: *O que quer dizer com estar desaproveitado?*

E.I.4- Quero dizer que muito poderia ser feito e que estava ao alcance dos educadores, se apostassem mais na formação destes, se nos fornecessem mais material em relação a como melhor detetar, diagnosticar e até mesmo intervir. Se o Educador se limitar a fazer o seu trabalho do dia a dia e não estiver sensível para determinados comportamentos que

a criança possa apresentar como pode ele fazer bem o seu trabalho? Se ele próprio desconhece que x comportamento da criança pode ser um comportamento que indica alguma patologia. Eu digo-vos, a mim o que me vale é a colega da sala do lado que tem formação em ensino especial e que às vezes me diz : “*****”(nome da educadora) olha que aquele menino apresenta isto assim assim, está atenta! Porque eu, há muitas coisas que já me passam ao lado. Eu sei que tenho culpa...é o deixa andar Mas a verdade é esta: acho que o educador faz o seu trabalho, vem o técnico e faz o dele e está tudo por prateleiras. Se o educador é de facto importante, estou como já referiram é mais na parte da sinalização, porque de resto, cada um faz o seu trabalho e pronto.

Investigador: quer dizer que não há articulação entre educadores e profissionais que trabalham com a criança sinalizada?

E.I.4- Não é o não haver articulação, propriamente dita. É o cada um mete-se na sua vida, a psicóloga vem e faz o seu trabalho ... nós temos as outras crianças também. Vem o terapeuta da fala e faz o seu trabalho e nós continuamos a ter as outras 22 crianças... eles saem desta escola a voar para a outra e pronto. No final de cada período há uma avaliação e não passa disto. Se o educador tiver conhecimentos e formas de intervir ele pode puxar um pouco mais pela criança, se não faz só o que lhe compete e pronto.

Investigador: *São, então, da opinião que o Educador de Infância tem um papel ativo na sinalização de crianças para a Intervenção Precoce?*

E.I.5- Na sinalização sim, pelo menos, a ideia que tenho, é que é no jardim de infância que são sinalizadas muitas crianças. Para ser mais clara, posso referir que acho que o educador tem um papel ativo na sinalização de crianças mas fá-lo conforme os conhecimentos que têm.

(Interrompe a conversa)

E.I.1- Ora aí está, (com voz efusiva) faz o melhor que pode, conforme aquilo que sabe e aprendeu... e se não sabe? É o que já foi referido, aqueles casos que saltam à vista, qualquer um sinaliza, agora os pormenores que fazem grande diferença, passam ainda muito ao lado do nosso rastreio. Falta de formação e conhecimento...

E.I.5- Pois... se analisarmos bem... se tivéssemos mais conhecimentos teríamos um papel ainda mais ativo e mais eficaz.

E.I.3- Bem, eu sou da opinião que se temos um papel ativo na intervenção precoce é essencialmente na sinalização das crianças. Agora de facto, acho que se mais soubéssemos melhor fazíamos. Foi por isso que decidi tirar pós graduação em ensino especial, aprendi muito. Mas, mesmo assim, considero que temos um papel ativo na sinalização.

E.I.6- Concordo com a colega... temos um papel ativo mediante aquilo que sabemos, certamente quem sabe mais que nós verá coisas que nós não vemos. Eu aprendi muito mas mesmo muito e fiquei muito mais sensível desde que tirei o mestrado em ensino especial. Ajudou-me a identificar melhor os sinais de alerta. E confesso que quanto mais aprofundar o conhecimento melhor somos capazes de identificar os sinais. A formação é essencial.

E.I.4- Acho que o educador é fulcral na deteção de crianças em risco, mas tem que saber e estar sensível para observar comportamentos de risco. Há aqueles que saltam logo à vista, mas há aqueles que não nos apercebemos e depois no futuro a criança é prejudicada por uma coisa que se fosse sinalizada a tempo, poderia ter sido melhorada e a criança sofreu muito escusadamente. O Meu “João ” que agora anda no 3 ° ano tem dislexia e mais alguma coisa... e eu não fui capaz de me aperceber disso. Não tenho bases. Acho que estamos aptos a detetar o básico, o que salta à vista. Há coisas que misturamos com

imaturidade, infantilidade e se fossem bem analisadas são indícios de muitas problemáticas. Falta-nos muita informação...

E.I.2- Bem eu nem sou 8 nem 80, acho que educador de infância tem uma papel ativo na sinalização de crianças, mas também concordo que não tem muita formação para conseguir fazer um rastreio conveniente. Talvez se a sua formação inicial fosse limada e valorizados outros aspetos, eles saíssem mais preparados, sem precisar de fazer complementos de formação à sua conta e risco. Contudo, julgo que se o educador tiver o bom senso e se se aperceber que algo não está bem ele deve fazer a sinalização mesmo que depois, essa criança não seja elegível para a IP. Em caso de dúvida devemos defender sempre o melhor para a criança e o melhor é ser diagnosticada o mais precoce possível para se puder intervir de forma atempada. E julgo que nessa parte, atualmente o educador de infância já tem esta noção presente e age de acordo com ela, (suspiro) ...pelo menos quero acreditar nisso. Claro que quanto mais informação e conhecimento melhor o nosso trabalho.

***Investigador:** Então, são da opinião, que os Educadores de infância possuem as ferramentas necessárias para identificarem comportamentos de risco?*

E.I.3- Os comportamentos mais visíveis sim, agora aqueles que exigem mais conhecimento não estão ao alcance da grande maioria. Acho que na formação inicial dos educadores de infância deveria haver uma aposta na área da Educação Especial. Outro dia, vi uma reportagem na televisão e há problemáticas que eu desconhecia que existiam. Eu já tenho alguns anos de serviço já tirei formação especializada em Ensino Especial e continuo desatualizada...o mundo está em constante evolução ...eu se for tirar uma formação nova aprendo coisas novas ... acho mesmo que aqueles que já possuem formação na área devem sempre buscar mais ...e tentar estar atualizados. Porque infelizmente ainda há muita coisa que nos passa ao lado. E não são só os meninos que são

elegíveis para a IP que precisam de ser acompanhados temos muitos outros que apesar de não reunirem as condições precisam de acompanhamento.

E.I.6- Isso é verdade... muito verdade. Aqueles que mostram sinais visíveis de comportamentos de risco qualquer um consegue identificar. Agora o educador deveria estar preparado para conseguir detetar mais que os sinais graves de alerta de risco. Os sinais mais escondidos, um comportamento aqui ou acolá podem querer dizer muito. E se o educador tivesse preparado para isso...seria muito bom para a criança.

Investigador: *É da opinião que o educador está preparado para detetar esses comportamentos? Os que não saltam tanto à vista?*

E.I.6- hummm (ar pensativo). Honestamente não. Não posso generalizar, mas honestamente acho que a grande maioria não tem essa capacidade. Primeiro: porque os educadores não têm tempo para observar as crianças convenientemente, é o plano que tem para cumprir, é as festas para preparar, é o número de alunos por sala. É a desmotivação pessoal que muitos vivem pela profissão que escolheram. É a “porra” da burocracia que nos é exigida, às páginas tantas temos tempo para tudo menos para observar e estar com os meninos... é a nossa realidade. Segundo: os educadores também não tem a formação adequada para detetar comportamentos de risco, como já referi detetam aqueles mais visíveis, os que são mais sensíveis podem detetar mais ... mas a grande maioria limita-se a fazer o essencial. Mas é só a minha opinião.

E.I.2- Pronto...então eu vou dar a minha. Acho que os educadores têm as ferramentas mínimas para detetar comportamentos de risco...

Investigador: *o que são ferramentas mínimas?*

E.I.2- É como se o educador tivesse a oportunidade de andar de alfa pendular e fizesse sempre a viagem num comboio regional que para em todas as estações e mais algumas e demora o dobro do tempo a chegar ao local.

Investigador: agora vai ter que me explicar essa metáfora...

E.I.2- É simples o educador, não têm as ferramentas necessárias para sinalizar os comportamentos mais graves das crianças, então faz a viagem muito devagarinho ... e muitas vezes quando se apercebe de alguma coisa já vai tarde ... ou já nem vai.... Se tivesse mais formação e se o sistema fosse um bocadinho mais rápido chegaríamos ao diagnóstico em menos tempo, logo estaríamos a andar de alfa. (Risos de todos).

E.I.1- Agora posso ser eu? (risos) Eu acho que já referi a minha opinião, sobre isso. Mas, contudo, volto a frisar. Os educadores de infância que não tem formação em EE, terão certamente mais dificuldades em detetar do que os que possuem essa formação. Digamos que, os que não tem formação especializada tem as ferramentas necessárias para detetar o mínimo, os comportamentos que saltam à vista. Muita coisa passa a nossa triagem, mesmo com formação especializada quanto mais sem ela. Por isso, concluo: acho as ferramentas que possuímos são muito limitadas.

E.I.4- Concordo consigo colega, acho que somos importantes na deteção de comportamentos de risco, mas só estamos aptos para detetar os que saltam à vista. Acho que nos falta muita informação e formação nessa área. Contudo, ressalvo que há educadores que não possuem formação em EE e fazem um excelente trabalho. Depende muito das qualidades humanas e da sensibilidade de cada Educador para a questão. Mas sou da opinião, que temos as ferramentas necessárias para detetar o básico.

E.I.5- Desta vez fiquei eu para o fim. Eu sou da opinião que o educador tem as ferramentas mínimas necessárias. E Com isto julgo que está tudo dito... Podia ter mais, e mais poderia fazer se soubesse mais...mas dentro do que sabe faz o possível.

Investigador: *Ora muito bem. Segue-se então outra questão.*

Acredita que a opinião dos Educadores de Infância, quando alertam sobre possíveis comportamentos de risco, é valorizada por Encarregados de Educação e outros profissionais?

E.I.5- Oh pahh sinceramente, acho que valorizam o que que a Educadora diz...

Investigador: Os pais e os outros profissionais?

E.I.5- Ora bem ... os outros profissionais acho que valorizam, pelo menos eticamente mostram isso sempre que os alerto para alguma questão. Depois, podem ou não valorizar. Mas, quando lhes transmito alguma coisa dão a sensação que estão a valorizar aquilo que digo. Falo por mim, é a minha opinião. Pode ser só a ética profissional, mas a ideia que tenho é que valorizam. Relativamente aos pais, a minha opinião, é um pouco diferente. Eu acho que eles, por vezes, tendem a desvalorizar, não por maldade mas por não-aceitação de que o seu filho possa ter algum tipo de problemática. Mas, contudo, julgo que quando os alertamos eles ficam despertos para o que dizemos.

E.I.3- Eu estou em dizer que quer os outros profissionais, quer os pais valorizam as nossas opiniões quando os alertamos de comportamentos de risco por parte dos seus filhos. Nem todos atuam mediante o que lhes dizemos, mas acho que valorizam a nossa opinião. Mas posso estar enganada...

E.I.6- De forma geral, acho que somos valorizamos. Contudo, depende muito dos profissionais e dos pais com quem lidamos. Eu não tenho razão de queixa, mas sei de

muitas colegas que se queixam da falta de valorização da profissão. Também a minha experiência é pouca, tenho poucos anos de serviço e sempre trabalhei numa IPSS, onde o nível académico e o nível económico dos pais é acima da média. E isso poderá ter influências. Não sei ... mas da minha pouca experiência profissional, sempre me considerei valorizada quer por pais quer por outros profissionais.

E.I.1- Eu não vou estar aqui com meias palavras, segundo a minha experiência profissional, a nossa profissão é muito desvalorizada quer por pais quer por outros profissionais. E que me desculpem os que pensam de maneira diferente.

Investigador: O que quer dizer com ser uma profissão desvalorizada?

E.I.1- Eu já ando nisto há muitos anos, e a ideia que se tem das educadoras é que andam a ver os meninos a brincar com legos e pouco mais. Quando falamos aos pais de comportamentos de risco da criança que poderão indiciar alguma problemática, custas lhes valorizar o que dizemos. E vem as célebres frases “ele ainda é pequeninho, ainda é imaturo, é melhor deixar crescer”. Se for um médico a dizer... dão mais valor. Em relação aos outros profissionais, não quero ferir ninguém, mas quero frisar que depende muito da qualidade de cada profissional, há aqueles que valorizam e se estão atentos ao que dizemos e há aqueles que pensam “olha vem esta para aqui que só sabe tomar conta dele a fazer legos”. Na sociedade em que vivemos, julgo que de forma geral, a nossa profissão e a nossa opinião é desvalorizada. Contudo, ressalvo o que já mencionei, há excelentes profissionais e excelentes pais, que valorizam e respeitam o que dizemos e que tudo fazem para atingir o melhor para a criança. Mas infelizmente, nem sempre funciona assim...

Tenho dito. (risos).

E.I.4- A colega tem toda a razão. Não podemos generalizar. Depende muito das pessoas com quem lidamos, sejam eles pais ou profissionais. Há os que valorizam e se preocupam

e há os que não dão a mínima importância aquilo que dizemos. Eu já passei por ambas as situações muitas vezes. Não podemos generalizar. Mas contudo, se for um médico a falar temo em dizer que a valorização seria maior e imediata por parte dos pais.

Investigador: E se for o educador de infância já não é assim?

E.I.4- ... (risos) pode ser mas pode não ser...lá está depende dos pais e dos profissionais com quem lidamos. Se for o médico ... não há tanta desvalorização.

E.I.2- Concordo, acho que somos valorizados se realmente for uma coisa que salte aos olhos e dependendo dos profissionais e pais com quem estejamos a interagir. Se for uma coisa que seja preciso mais observação e análise, tende a desvalorizar a nossa opinião. E lá estar se for o pediatra a dizer, mesmo que seja, o mesmo que nós dissemos, se calhar dão mais importância. Mas nem sempre é assim há pais e pais e profissionais e profissionais.

Investigador: ora vamos lá a mais uma ...já está a acabar. Já faltou mais (risos)

E.I.1: Ainda ninguém reclamou pois não? Então vamos lá ...(risos)

Investigador: *Quais as áreas do desenvolvimento, onde, na sua opinião, é mais fácil de detetar comportamentos de risco?*

E.I.2- Estas a referir-te à socialização, autonomia, por aí?

Investigador: Exatamente isso... só precisam de referir aquelas onde vos parece mais fácil detetar comportamentos de risco.

E.I.4- Posso começar eu, desta vez (risos)! Para mim as áreas mais fáceis de detetar comportamentos de risco são as áreas do desenvolvimento motor e linguagem.

E.I.2- Desenvolvimento motor, salta logo à vista. A linguagem também, e depois a autonomia também me parece uma área onde se consegue identificar comportamentos de risco.

E.I.5- Sou da opinião da colega, das colegas, desenvolvimento motor, linguagem são das que se identificam com mais facilidade e a socialização também.

E.I.3- Eu tenho uma opinião semelhante. Para mim as áreas onde é mais evidente verificar-se comportamentos de risco são: área do desenvolvimento motor, a área da linguagem e da socialização.

E.I.1- Desenvolvimento motor e linguagem. Sem dúvida. Mas atenção não se pode dizer que não se consegue detetar nas outras áreas, porque há comportamentos que saltam logo á vista. Por exemplo se eu notar que um menino tem marcas no corpo sejam de que tipo for, chama-me logo a atenção. E ai a parte da família e contexto também é valorizado. Agora nos primeiros instantes o desenvolvimento motor e linguagem nota-se logo porque são coisas que nós conseguimos perceber no instante em que falamos e observamos a criança.

E.I.6- Estou acho que em todas as áreas dá para repararmos em comportamentos de risco. Talvez as que sejam mais fáceis de detetar sejam de facto o desenvolvimento motor e a linguagem. Mas, pode haver comportamentos na criança que sejam de outras áreas e que por serem tão evidentes possam ser comportamentos facilmente identificados.

Investigador: *Enumere alguns dos comportamentos manifestados pelas crianças que considera como indicadores de risco?*

E.I.5- ui são muitos, nunca mais saíamos daqui...

Investigador: Tem razão, então vou colocar a questão de uma outra forma. *Quando começa o ano letivo e não conhece as crianças, e faz uma primeira observação a que comportamentos presta mais atenção como indicadores de risco?*

Se preferirem podem fazê-lo por áreas. Vou dar um exemplo para ser mais específica: na área do desenvolvimento motor, a criança mostra imensa dificuldade em levantar-se sozinha.

E.I.5- Já melhorou bastante (risos).

Investigador: *Para melhorar, ainda mais refiram só três comportamentos nas áreas que mais presta atenção.*

E.I.5- Se tiver algum problema motor salta logo à vista.

Investigador: *Dê exemplos por favor.*

E.I.5- Por exemplo: dificuldade extrema em equilibrar-se. Depois a linguagem, a gente como lida com crianças apercebe-se logo das crianças que tem uma linguagem desajustada à idade, exemplo a criança não se faz perceber ao falar.

Na área da autonomia: Se a criança se isolar, se não pede para ir à casa de banho, se não consegue arrumar os brinquedos de forma correta... ui já disse mais que três ...já chegaaaaaa (risos).

E.I.3- Claro que se tiver algum problema motor, que seja evidente e característicos damos logo conta. No entanto, é preciso dizer que há muitos problemas motores que não são assim tão fáceis de detetar, pois não são assim tão evidentes. Mas de forma geral damos por ela logo de problemas motores relacionados com a marcha, coordenação, equilíbrio.

Investigador: *Pedia-vos para ser mais específicas e enumerarem mesmo os comportamentos que consideram de risco em cada área.*

E.I.3- Ok, já percebi. Então a nível motor: se a criança não for capaz de construir uma torre de legos com 3 ou 4 peças.

Linguagem: se a criança não consegue perceber o que o adulto diz.

Socialização: se a criança não mantém o contacto ocular.

Queres que diga nas outras áreas?

Investigador: se quiser esteja à vontade.

E.I.3- Autonomia: se a criança usa fralda durante o dia.

Cognição: se a criança não é capaz de construir puzzles simples. Acho que já referi nas áreas todas ...ou esqueci-me de alguma? Ajudem-me colegas ... (ar de riso)

E.I.4- Acho que disseste todas.

E.I.1- Falta a família se achares pertinente.

E.I.3- ora, obrigada!

Família: se a criança apresenta maus tratos físicos.

E.I.6- eu já aponte aqui tudo nas minhas notas é só debitar agora hehe.

Investigador: pode começar (risos).

E.I.6- Desenvolvimento motor: A criança cair muitas vezes de forma exagerada.

Linguagem: a criança não conseguir dizer palavras que o adulto perceba.

Autonomia: a criança não controlar a urina e o cocó.

Socialização: A criança isolar-se enquanto brinca.

Família: a família ser problemática e mostrar sinais de falta de cuidado com a criança.

Cognição: A criança não ser capaz de nomear nomes de objetos simples, exemplo: bola, boneca.

É assim que pretendes?

Investigador: *exatamente isso, obrigada pela clareza.*

E.I.1- Ora então, posso ser eu a próxima? (risos).

Investigador: claro que sim... (risos).

E.I.1-vamos lá então...

Autonomia: Não pedir para ir à casa de banho.

Socialização: não estabelecer contacto ocular.

Desenvolvimento motor: não conseguir saltar a pés juntos.

Cognição: não ser capaz de dizer o seu nome.

Linguagem: não consegue dizer palavras que se consigam compreender.

Família: a família não se interessa pelo percurso escolar da criança.

Investigador: Mais alguém toma a palavra? (Risos)

E.I.4- Eu, posso ser eu. Para não ser a última. (risos)

E.I.2- Que não seja por isso, também posso ser eu. (risos)

Investigador: *é indiferente, decidam-se (risos).*

E.I.4- sou eu então (risos) ora vamos lá...

Desenvolvimento motor: a criança mostra dificuldade extrema em subir e descer escadas sozinha.

Linguagem: a criança não é capaz de responder a perguntas simples de forma compreensível (exemplo: como te chamas).

Família: a criança não recebe os cuidados básicos de higiene.

Cognição: A criança não é capaz de distinguir o grande, do pequeno, o à frente e atrás.

Socialização: a criança não entra em jogos de imitação.

Autonomia: a criança não lava as mãos e as seca sozinha.

Está feito. (risos).

E.I.2- só falto eu... (risos) Ora vamos lá...

Família: sinais na criança que sejam suspeita de maus tratos.

Linguagem: a criança não ser capaz de se fazer perceber.

Cognição: a criança não ser capaz de montar puzzles simples de 4 a 5 peças.

Autonomia: a criança usar fralda durante o dia e não pedir para ir à casa de banho.

Socialização: a criança não brinca com os colegas, isola-se.

Desenvolvimento motor: a criança cai de forma exagerada.

Investigador: *Só faltam duas questões, prometo que já estamos a acabar.*

E.I.1- Eu estou bem por mim estás à vontade...

E.I.4- Por mim também...

Investigador: *Agradeço as vossas palavras mas vamos mesmo terminar. Aqui vai a penúltima pergunta.*

Seria pertinente haver checklists e espaços de partilha online sobre possíveis comportamentos de risco nas crianças?

E.I.1- Estas a perguntar a um cego se quer ver? Clarooooo pahh,(voz efusiva) ajudava imenso.

E.I.5/ E.I.6- Nem se pergunta...(risos)

E.I.3- Acho que já tens a resposta. Tudo o que nos ajude e facilite o nosso trabalho é bom. A checklists iriam ajudar a colmatar um pouco a falta de formação que as pessoas têm na área. Se fizeres alguma coisa no género, não te esqueças de partilhar (risos)

Investigador: Vou pensar com carinho (risos).

Mais alguém quer opinar?

E.I.4- Falto eu...(risos) mas nem é preciso responder. Tudo o que vier é bem-vindo. Seria importante haver mesmo alguma coisa para nos guiarmos e seguirmos. O pouco que sei aprendi com a minha experiência.

E.I.2- olha tu que és nova, faz e partilha com os velhos. Seria muito útil para todos e importante.

(Risos de todos)

Investigador: Vou pensar com carinho, mas se o fizer claro que divulgo. (risos).

E agora sim a última pergunta, afinal até fomos rápidas (risos).

E.I.1- Somos máquinas (risos).

Investigador: Ora então aqui vai a última pergunta...

O que poderia ser feito para melhorar a eficácia do educador de infância no âmbito da intervenção precoce, nomeadamente na sinalização de crianças em risco?

E.I.3- Algumas coisas... (ar pensativo)

Investigador: pode enumerar algumas, por favor?

E.I.3- Mais formação na área; Um sistema mais aberto onde a nossa opinião fosse mais relevante e onde pudéssemos participar mais, e uma maior partilha de informação entre todos os profissionais.

Investigador: *O que quer dizer com um sistema onde pudéssemos participar mais?*

E.I.3- Um sistema onde nos fosse possível dar mais atenção à criança, onde fosse possível articular mais e melhor com os profissionais que acompanham as crianças e os educadores titulares. Por exemplo, termos um plano de intervenção comum e que todos (os que trabalham com a criança) o pudessem por em prática.

Investigador: *Mais opiniões?*

E.I.6- Vou acabar por repetir um pouco, julgo que a formação deveria ser obrigatória para todos os profissionais de x em x anos, e, se possível começar logo na formação inicial. Acho que seria essa a medida mais importante.

E.I.5- Concordo com o que a colega disse ... e uma maior articulação entre todos também era vantajosa.

Investigador: *Alguém mais quer opinar?*

E.I.2- Eu. Posso ... mas vou repetir (risos). Mais formação e esta ser obrigatória na área do Ensino especial, mais formação especializada em intervenção precoce, mais articulação entre todos seria uma mais-valia para as crianças.

E.I.4- Sim concordo com tudo ... acrescento apenas que seria importante para além da formação obrigatória e a reciclagem da mesma de certo em certo tempo, haver mais divulgação e instrumentos de avaliação que nos permitissem fazer o despiste de certas patologias o mais rápido possível. Sem ter que se estar à espera que o menino fosse

avaliado. Aí eram importantes as checklists de comportamentos de risco que já falamos, esses instrumentos de trabalho seriam a meu ver uma mais-valia.

E.I.1- Parece que só falto eu... mas não vou acrescentar nada de novo. A formação obrigatória e reciclagem da mesma deve ser obrigatória. A divulgação e distribuição de instrumentos de trabalho que nos ajudem a detetar o mais precocemente esses comportamentos são muito úteis e necessários. E por fim, acrescento apenas que de nada vale isto tudo...se as pessoas que trabalham com a criança não tiverem uma sensibilidade acrescida para saber observar e agir mediante comportamentos de risco. Também nos cabe a nós profissionais, fazer o melhor que pudemos mesmo que os recursos não sejam assim tantos. Uma boa articulação entre todos os profissionais seria uma mais-valia para a criança...e é sempre a criança que importa (riso irónico) ou que deveria importar.

E.I.5- Isso sim é o mais importante.

Investigador: Mais alguma coisa que queiram acrescentar?

E.I.1- Por mim não.

E.I.6- Por mim está tudo.

(Acenam com a cabeça que está tudo dito)

Investigador: Quero agradecer- vos a disponibilidade e amabilidade em me concederem este tempo, que hoje em dia é tão precioso. Agradeço-vos ainda a forma clara e espontânea com que responderam as minhas perguntas. Obrigada de coração. Depois dar-vos-ei notícias da minha dissertação.

Peço-vos só que me preencham esta folhinha, onde contém os vossos dados sociodemográficos, tempo de serviço, idade e pouco mais que isso. Será tudo confidencial e anónimo.

Convido-vos agora a comer umas bolachinhas e tomar um chazinho, caso queiram. Mais uma vez obrigada por tudo, ser-lhes-ei eternamente gratas.

E.I.1- Não tens nada que agradecer, foi um gosto.

E.I.6- Eu é que agradeço.

E.I.3- Temos que ser umas para as outras.

E.I.5- Quando fizeres o doutoramento, conta comigo.(risos)

E.I.2- E comigo também...se ainda tiver no ativo (risos)

E.I.4- Foi com muito gosto querida, que tudo te corra bem.

Investigador: *Obrigada mesmo. (voz emocionada).*

*****Fim*****